

# PLANO DE AULA

---

## I. Identificação

**Autoras do Plano de Aula:** Diana Sales Ferreira (aluna de graduação, História/UnB) e Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva;

**Data de elaboração do plano:** 2/2023;

**Série/Ano:** Ensino Médio;

**Carga horária prevista:** 02 horas/aula.

## II. Tema/assunto/título da aula

**Sodomia indígena nas fontes históricas coloniais do século XVII: a história de “Tibira Tupinambá”**

## III. Objetivos

a) Problematizar, por meio da análise dos relatos de Évreux em "De um índio, condenado à morte, que pediu o batismo antes de morrer", as primeiras representações dos colonizadores sobre a sodomia entre os indígenas no Brasil, tendo como exemplo a história de “Tibira Tupinambá”, acusado e assassinado pela Igreja em 1614 por ser considerado sodomita. b) Compreender como os Tupinambás da época colonial entendiam a existência de relações sexuais entre homens. c) Debater como o processo de colonização ocasionou mudanças nas concepções culturais de gênero das sociedades indígenas. d) Discutir a violência contra sodomitas e homossexuais na relação entre o passado e o presente.

## IV. Conteúdo

1) Representações da sodomia indígena nas fontes históricas coloniais. 2) A sodomia na concepção dos Tupinambás da época colonial. 3) Colonização e mudanças nas concepções culturais de gênero nas sociedades indígenas. 4) Violência contra sodomitas e homossexuais.

## V. Pré-requisitos

Algum conhecimento acerca da colonização e sobre os indígenas do Brasil colonial.

## VI. Metodologia e recursos didáticos

### Aulas 01 e 02

A aula se iniciará com um debate sobre a necessidade de historicizar as fontes históricas em sala de aula: identificar a autoria, as condições de produção do documento, seu suporte, os objetivos a que ele serve etc. É isso que permite desnaturalizar a narrativa das fontes, entendendo-as como narrativas interessadas, posicionadas num dado lugar e tempo. Como o documento a ser analisado é uma fonte histórica colonial sobre os indígenas, é importante compreender de que modo as representações informadas nas fontes coloniais sobre os povos indígenas são

estereotipadas, moldadas a partir do olhar do colonizador e, portanto, pensadas com o objetivo de dar suporte à colonização. Então, deve-se levar em conta que a maioria, se não a totalidade, dos registros que temos hoje sobre a cultura e a história indígena colonial foram escritos pela perspectiva dos colonizadores.

Após essas discussões, haverá a leitura da transcrição do documento “De um Índio, condenado à morte, que pediu o batismo antes de morrer” (em anexo), escrito pelo religioso francês Ives D'Évreux (1577-1632), entre os anos de 1613 e 1614, presente na obra “Viagens ao Norte do Brasil”. Nela, o padre capuchinho narra detalhadamente o assassinato cruel ocorrido na época de um indígena Tupinambá, “Tibira do Maranhão”, pela Igreja, pelo crime/pecado de sodomia (relação sexual entre homens). O padre participou com outros religiosos da expedição França Equinocial em 1612, que representou a tentativa dos franceses se fixarem no Brasil, na região do Maranhão, entre os anos de 1612 e 1615. A principal função desse corpo religioso nessa região era a catequização indígena do povo Tupinambá, numa tentativa de transformar esses indígenas em súditos do rei e cristãos. É nesse contexto que a fonte é escrita.

Nesse momento é importante esclarecer, para os alunos e as alunas, os termos Tibira e sodomia. Tibira não era o nome do indivíduo, mas a denominação pela qual os Tupinambás se referiam a indígenas que se relacionavam sexualmente com outros homens. Já a sodomia significava na época tanto o sexo anal (inclusive entre homem e mulher) quanto a cópula entre pessoas do mesmo sexo, podendo inclusive se confundir com outros pecados, como bestialismo (sexo com animais) e molície (masturbação). O caso aqui analisado refere-se à sodomia entre homens, considerada pelos colonizadores um dos mais graves crimes/pecados, sujeito à pena de morte.

A fonte narra a captura, o batismo e o assassinato do indígena “Tibira do Maranhão” – condenado à morte pela Igreja pelo crime/pecado de sodomia –, ocorridos em 1614 na cidade de São Luís do Maranhão. Tibira é considerado por antropólogos e estudiosos a primeira vítima do ódio homofóbico e colonizador no Brasil. Segundo o documento, a mando de missionários franceses, Tibira foi preso “à boca” de um canhão e partido em dois pela bala disparada. Antes de morrer, o indígena teria renegado seus deuses para encontrar um lugar no Paraíso. Quem acendeu o pavio foi outro indígena da mesma etnia Tupinambá.

Uma primeira questão importante a ser debatida é que esse relato pouco conhecido apresenta o assassinato violento e cruel de um indígena Tupinambá por se relacionar sexualmente com outros homens, um comportamento considerado desviante, pecaminoso e criminoso para o pensamento dominante de gênero na cultura cristã da época. Dessa forma, a análise da fonte permite compreender como os colonizadores e a Igreja justificavam a violência contra os sodomitas com bases em preceitos religiosos. Outro ponto a ser sublinhado é que o documento possibilita compreender como os Tupinambás viam os Tibiras, o que abre uma outra possibilidade histórica sobre a “homossexualidade” no Brasil. A fonte possibilita ainda debater como o processo de colonização ocasionou mudanças nas concepções culturais de gênero nas sociedades indígenas.

Trata-se de um tema importante a ser discutido, pois as relações sexuais entre homens ainda são vistas como um tabu no presente, e a homofobia é um problema

social grave. A história de “Tibira do Maranhão”, nesse sentido, mostra que as relações sexuais entre homens eram aceitas entre os indígenas no período colonial, diferentemente da ótica dos colonizadores e da Igreja, que viam a sodomia como pecado, desvio, crime e perversidade sujeita a pena de morte.

O primeiro trecho do documento a ser debatido é aquele em que Évreux diz como é difícil imaginar que, *“vendo-se simplesmente por fora a concha de uma ostra marinha coberta e suja de lama e lodo, que ela em si já tivesse uma pérola preciosa digna de ser colocada no gabinete dos príncipes. Quem poderá crer que um selvagem, iníquo, impuro e imundo [...] embora creia que o próprio diabo, autor de tais traças, se envergonhe disto, não tenha inimizado e soberba contra o soberano que o tira disto?”*.

Referindo-se ao indígena Tibira, o autor diz: *“quem poderá, digo eu, crer que tal indivíduo, por determinação da divina Providência, fosse escolhido para o reino do Céu, e tirado desses abismos infernais, para receber (na hora da morte bem merecida por suas torpezas) o sagrado batismo, que o lava de todas as máculas, e lhe proporciona fácil e franca entrada no Paraíso?”*

Nesses trechos, pode-se perceber que o autor usa a comparação entre a concha, coberta e suja de lama e lodo, e a pérola que existe dentro dela como alegoria para afirmar que só Deus, através do batismo, poderia tirar “um selvagem, iníquo, impuro e imundo” “dos abismos infernais”, lavar suas máculas e lhe permitir a entrada no Paraíso. Aqui há uma exaltação da superioridade dos colonizadores cristãos sobre os considerados pecadores e selvagens indígenas, demonstrando como os europeus faziam uso do cristianismo para legitimar a colonização. Percebe-se ainda a dicotomia selvagem/indígena/inferior/não humano e civilizado/europeu/superior/humano, binarismos presentes em diversas fontes históricas coloniais.

Outro trecho importante a problematizar diz que Tibira *“um pobre índio, bruto, mais cavalo que homem, fugiu para o mato por ouvir dizer que os franceses o procuravam, e aos seus semelhantes, para matá-los e purificar a terra de suas maldades por meio da Santidade do Evangelho, da candura, da pureza e da clareza da Religião Católica Apostólica Romana”*.

Aqui cabe discutir o fato de Tibira ser considerado “mais cavalo do que homem”. Nas narrativas coloniais, a animalização do indígena está quase sempre presente e é fundamental para justificar a escravização, a exploração e o extermínio de inúmeras etnias. A desumanização opera por diversos caminhos; por exemplo, ocorre através da negação ou da inferiorização da capacidade do outro de expressar sentimentos, possuir cultura e história. Nesse sentido, também justifica a catequização e coloca o batismo como a única forma de tornar os indígenas humanos. Naturaliza ainda a perpetração de várias formas de violência contra esses povos.

Percebe-se na fonte que Tibira fugiu para o mato para não ser morto, pois segundo “ouviu dizer”, não só a vida dele estava em risco como a de pessoas como ele (“os semelhantes”/sodomitas); ou seja, pelo desfecho da sua história, ele tinha razão. O fato de a fonte dizer *“para matá-los e purificar a terra de suas maldades”* aponta o uso pela Igreja da necessidade de purificação dos pecados e de expulsão das forças malignas dos sodomitas como justificativa para o seu extermínio.

Ainda segundo a fonte, ao ser apanhado pelos franceses, Tibira foi imediatamente amarrado e levado para o Forte de São Luís do Maranhão, onde prenderam seus pés com ferros, tendo sido vigiado até que chegassem os principais chefes indígenas de outras aldeias Tupinambás para, junto com os principais líderes franceses, assistirem ao seu processo de condenação, punição e morte.

De acordo com o documento, o indígena, antes mesmo do início de seu processo de condenação, assumiu que merecia morrer, bem como seus cúmplices (outros sodomitas). Ao terminar o processo e determinar a sentença, os religiosos disseram ao indígena que se ele recebesse o sacramento do batismo, apesar de sua "má vida passada", a sua alma iria direto para o Paraíso, no que ele teria acreditado, pedindo para ser batizado e recebendo o batismo "com tranquilidade e sem tristeza".

Aqui é importante problematizar: será que Tibira pediu para ser batizado e recebeu o batismo com "tranquilidade e sem tristeza" ou foi forçado? Os batismos forçados eram uma constante na história da Igreja, então seria verossímil que ele tivesse sido forçado. Além do que, ser batizado à força e ter toda a sua cultura e religiosidade demonizadas não deve ter sido tranquilo e sem tristeza para nenhum indígena. Será que Tibira assumiu de fato que merecia morrer, junto com todos os outros sodomitas, quando se sabe que na sua cultura, antes da colonização, sua sexualidade era aceita? Será que todos esses líderes presentes na execução de Tibira concordavam com seu assassinato?

Segundo a fonte, após o batismo, um líder indígena Tupinambá da própria etnia de Tibira, chamado Caruatapirã "Cardo Vermelho", lhe disse: *"Tens agora ocasião de estares consolado e não te afligires, pois presentemente és filho de Deus pelo batismo que recebeste da mão de Tatu-uauçu — nome do Sr. de Pézieux [célebre fidalgo francês] na sua língua — com permissão dos Padres. Morres por teus crimes, aprovamos tua morte, e eu mesmo quero pôr o fogo na peça para que saibam e vejam os franceses que detestamos tuas maldades; mas repara na bondade de Deus e dos Padres para contigo, expelindo Jeropary [entidade indígena muito difundida e com o propósito de combatê-la, os missionários católicos passaram a associá-lo ao diabo cristão] para longe de ti por meio do batismo, de maneira que apenas tua alma sairá do corpo e vai direito para o Céu ver Tupan [criador do mundo para os Tupinambás] e viver com os Caraíbas [os grandes xamãs Tupinambás] que o cercam: Quando Tupan mandar alguém tomar teu corpo, se quiseres ter no Céu os cabelos compridos e o corpo de mulher antes do que o de um homem, pede a Tupan que te dê o corpo de mulher, e ressuscitarás mulher, e lá no Céu ficarás ao lado das mulheres, e não dos homens"*.

Ainda segundo o documento, o indígena "Cardo Vermelho", descrito como o algoz de Tibira, *"com gestos e palavras mostrava grande contentamento e alegria perante os franceses por haver recebido tal honra"* e por onde andava *"contava o que tinha feito, asseverando ser irmão dos franceses, seu defensor e exterminador dos maus e dos rebeldes"*.

Aqui várias questões podem ser problematizadas. Primeiro, a representação do líder indígena Tupinambá como favorável ao batismo e vendo a sodomia como a concebiam os colonizadores, matando seu parente, dizendo ser irmão dos franceses e classificando uma importante entidade indígena, Jeropary, como demoníaca, como faziam os missionários católicos. Seria o filtro do colonizador nas fontes históricas

coloniais? Seria o efeito da colonização de provocar mudanças nas concepções culturais de gênero nas sociedades indígenas?

É interessante ainda analisar que, na fala de Caruatapirã, a existência de Tupã (criador do mundo para os Tupinambás) e dos Caraíbas (os grandes xamãs Tupinambás) é muito importante, pois mostra a persistência, apesar da imposição evangelizadora, da religiosidade Tupinambá. Outra questão a discutir é que a liderança indígena diz para Tibira que, se ele quer ter os cabelos compridos e corpo de mulher, que peça a Tupã que lhe dê corpo de mulher e, assim, ressuscitará mulher. Aqui nota-se, no geral, que o discurso de gênero de Caruatapirã está em consonância com os padrões cristãos dos europeus. Mas a fala destoa da ressurreição cristã quanto à possibilidade de Tibira ressuscitar mulher.

Nessa altura é importante problematizar que as relações entre homens, para os Tupinambás, antes de os colonizadores imporem sua cultura de gênero, não eram consideradas pecaminosas, criminosas e passíveis de morte, demonstrando um outro olhar, por parte dos indígenas, sobre as relações de gênero.

A fonte narra a terrível morte de Tibira, amarrado à boca de um canhão, tendo seu corpo destroçado pela bala em duas metades: uma teria caído na base do rochedo, ao pé da muralha, e a outra no mar, onde nunca mais foi encontrada.

Ao castigar um sodomita com a pena capital de forma tão cruel, os religiosos aplicavam a pedagogia do terror com o intento de erradicar no Brasil essa prática considerada uma abominação e de inibi-la entre os colonizados.

É preciso ainda discutir as violências cometidas pela Igreja e pelo Estado contra pessoas que se relacionavam sexualmente com outros homens e que foram assassinadas por terem uma sexualidade considerada desviante para os padrões de gênero europeus. Deve-se lembrar que não foram apenas os Tupinambás a serem assassinados por sodomia, mas que também inúmeras outras etnias indígenas na América e no Brasil tiveram seus membros condenados por sodomia e mortos pelo Estado e pela Igreja.

A história de Tibira é, infelizmente, uma história de violência como a de muitos outros considerados sodomitas e homossexuais no passado e no presente. Ela não pode ser esquecida, pois se pauta em práticas de violência fundamentadas na perseguição, na exclusão e no assassinato de pessoas só por terem uma sexualidade que não se enquadra na heterossexualidade compulsória; daí a importância em ser discutida no ensino de história. Ademais, é importante problematizar como a colonização fez com que o entendimento original de povos indígenas sobre suas sexualidades fosse apagado e, mais do que isso, hostilizado nas próprias tribos com base em conceitos ocidentais, coloniais e religiosos externos às suas formas culturais e históricas.

## VII. Avaliação

Como a colonização mudou as concepções de gênero nas sociedades indígenas colonizadas? De que maneira essas concepções, em suas práticas e representações históricas, alimentam a violência contra os homossexuais indígenas e não-indígenas no presente?

## VIII. Bibliografia

BELLINI, Lígia. **A coisa obscura. Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERNARDO, André. Indígenas brasileiros: caso de amor e ódio na colônia, padres tiraram a vida de um tupi homossexual de uma maneira sórdida e, no mínimo, inusitada. **Revista Aventura na História**. Publicado em 20/05/2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-indigenas-casos-amor-e-odio-na-colonia.phtml>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CAIRES, Daniel Rincon. A imperfeição do sexo: questões de gênero nos relatos de Yves d'Evreux e Claude d'Abbeville. **Revista de História**, 4, 1,2012, p. 32-43.

CHAGAS, A. R. Tibira: ancestral das bichas – fendas para emergir histórias amazônicas. MIRANDA, Danielle Santos e COSTA, Marcilene Silva da (orgs.). **Perspectivas afroindígenas da Amazônia**. Curitiba: CRV, 2021, p. 157.

LISBOA, Leandro. LGBTfobia que chegou nas caravelas se enraizou com a colonização. **Agência Brasil**. Publicado em 17/05/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/lgbtfobia-que-chegou-nas-caravelas-se-enraizou-com-colonizacao>. Acesso em: 01 jun. 2023.

NYN, João. **Tybyra: uma tragédia indígena brasileira**. São Paulo: Selo Dourado, 2020.

OLIVEIRA, Susane. Representações das sociedades indígenas nas fontes históricas coloniais: propostas para o ensino de história. **Revista Anos 90** (PPGHUFRGS). Dossiê: História Indígena na América, n. 34, 2011.

## IX. Anexo

Transcrição do relato de viagem: D EVREUX, Yves. "De um Índio, condenado á morte, que pediu o baptismo antes de morrer ". Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614 pelo Padre Ivo D' Évreux, religioso capuchinho, publicada conforme o exemplar único conservado na Biblioteca Imperial de Paris. Cap. V do "segundo tratado". Maranhão; Typ do Fria, 1874. Disponível em: <https://archive.org/details/viagemaoortedo00yvesgoog/page/n12/mode/1up?view=theater>. Acesso em: 22 jun. 2023.

### CAPÍTULO V

#### **De um índio, condenado á morte, que pediu o batismo antes de morrer.**

Não se acreditaria, se a experiência não tivesse confirmado, que vendo-se simplesmente por fora a concha de uma ostra marinha coberta e suja de lama e lodo, que ela em si já tivesse uma pérola preciosa digna de ser colocada no gabinete dos príncipes.

Quem poderá crer, que um selvagem iníquo, impuro, e imundo [...], embora creia que o próprio diabo, autor de tais traças, se envergonhe disto, não tenha inimizade e soberba contra o soberano, que o tira disto?

Quem poderá, digo eu, crer, que tal individuo, por determinação da divina Providência, fosse escolhido para o reino do Céu, tirando-o desses abismos infernais, para receber (na hora morte, bem merecida por suas torpezas) o sagrado batismo, que o lava de todas as máculas, e lhe proporciona fácil e franca entrada no Paraíso?

Um pobre índio, bruto, mais cavalo do que homem, fugiu para o mato por ouvir dizer, que os franceses o procuravam e aos seus semelhantes para matá-los e purificar a terra de suas maldades por meio da santidade do Evangelho, da candura, da pureza, e da clareza da Religião Católica Apostólica Romana.

Apenas foi apanhado amarram-no, e trouxeram-no com segurança ao Forte de São Luiz, onde puseram-lhe ferros aos pés: vigiaram-no bem até que chegassem os Principais [líderes] de outras aldeias para assistirem ao seu processo, e proferirem sua sentença, como fizeram afinal.

Não esperou o prisioneiro pelo princípio do processo, e ele mesmo sentenciou-se, porque diante de todos disse, “Vou morrer, e bem o mereço, porém desejo que igual fim tenham os meus cúmplices”.

Terminado o processo e proferida a sentença, cuidou-se em sua alma dizendo-lhe, que se ele recebesse o batismo, apesar de sua má vida passada, iria direto para o Céu apenas sua alma desprenderia do corpo.

Acreditou em nossas palavras, e pediu o batismo: para tal fim veio o Sr. de Pezieux procurar-me em nossa casa de S. Francisco em Maranhão, e conversando se devia ser eu quem o batizasse, resolvemos negativamente pelas seguintes razões: pensavam os selvagens que nós e outros padres eram pessoas misericordiosas e compassivas, que espontaneamente empregávamos nossos esforços perante os grandes para alcançar a vida dos condenados, que os grandes nos estimavam, e nada nos negavam, e que, além disto, nós pregávamos que Deus não queria a morte e sim a vida do pecador, e que por isto tínhamos vindo aqui para dar essa vida de forma que, se eu o batizasse publicamente, antes dele morrer, teria satisfeito muitos caprichos destes espíritos débeis e incapazes a respeito da opinião, que formavam de nós e que seria muito prejudicial a nossas intenções, dando além disso causa a várias murmurações dos selvagens, que diziam — “Se os padres gostam da vida, porque deixam este cristão ir morrer? Se amam tanto os cristãos por que não amam este? Se os grandes nada lhes negam, por que não pedem a vida deste?”.

Por tudo isto, e por outras razões, que omito, decidimos ser conveniente e necessário que eu não o batizasse. Roguei pois ao dito senhor que, depois de instruí-lo pelos intérpretes, o batizasse antes de ir ao suplício, sem as cerimoniaes da Igreja, o que se prestou e cumpriu.

Recebeu, com tranquilidade e sem tristeza, na presença dos Principais selvagens o batismo, depois do que um dos Principais, chamado Caruatapirã “Cardo Vermelho”, de quem ainda falarei, lhe disse estas palavras: “Tens agora ocasião de estares consolado e de não te afligires, pois presentemente és filho de Deus pelo baptismo que recebeste da mão de *Tatu-uacu* [nome do Sr.de Pezieux em sua língua] com a permissão dos Padres. Morres por teus crimes, aprovamos tua morte, e eu mesmo quero pôr fogo na peça para que saibam e vejam os franceses, que detestamos tuas maldades; mas repara na bondade de Deus e dos Padres para contigo, expelindo Jeropary para longe de ti por meio do batismo de maneira que apenas tua alma saia do corpo e vá direito para o Céu ver Tupã e viver com os *Caraibas*, que o cercam: quando Tupã mandar alguém tomar teu corpo de mulher antes do que o de homem, pede a



Tupã que te dê o corpo de mulher e ressuscitarás mulher, e lá no Céu ficarás ao lado das mulheres e não dos homens”.

Desculpaveis este pobre selvagem, não cristão e nem catecúmeno, falando da Ressurreição. Ele nos ouviu ensinar que um dia ressuscitariam todos os homens, regressando cada alma do lugar em que estava para ocupar o seu corpo, acrescentando o que pensou ser indiferente a Ressurreição, isto é, que uma alma recebe um corpo de homem ou de uma mulher, no que se enganou não se deixando em pé tal ideia falsa, pois ele e o paciente foram instruídos da verdade: julguei acertado referir aqui simplesmente o que se passou para que o leitor reconheça sempre quando sou fiel em minhas descrições, como já disse, e aprovarei sempre nos discursos, que ainda hei de transcrever.

Este infeliz condenado recebeu as consolações de muito boa vontade, e antes de caminhar para o suplício disse aos que o acompanhavam: “vou morrer, não mais os verei, não tenho medo de *Jeropary* pois sou filho de Deus, não tenho que prover-me de fogo, de farinha, de água, e nem de ferramenta alguma para viajar além das montanhas, onde cuidais que estão dançando vossos pais. Dai-me, porém, um pouco de *Petum* para que eu morra alegremente, com voz e sem medo”.

Deram-lhe o que ele pediu, a semelhança dos que vão ser justicados, ao quais também se dá pão e vinho, costume não de agora, e sim desde a mais remota antiguidade, pois então se oferecia aos criminosos vinho com mirra e ópio para provocar o sono dos pacientes.

Feito isto, levaram-no para junto da peça montada na muralha do Forte de S. Luiz, junto ao mar, amarram-no pela cintura á boca da peça, e “Cardo Vermelho” lançou fogo á escorva, em presença de todos os Principais, dos selvagens e dos franceses, e imediatamente a bala dividiu o corpo em duas porções, caindo uma ao pé da muralha, e a outra no mar, onde nunca mais foi encontrada.

Quanto a sua alma, é de crer que os anjos a levassem ao Céu, pois morreu logo depois de haver recebido as águas do baptismo, certeza infalível da salvação daqueles, a quem Deus concedeu tal graça, não pequena e nem comum, porem tão rara como o arrependimento do bom ladrão na Cruz, que tendo vivido sempre desregradamente até chegar aquele lugar, recebeu contudo esta promessa de Jesus Cristo [...] “hoje estarás comigo no Paraíso”: outro tanto podemos dizer desse infeliz e desgraçado índio, que nos deu tão bela ocasião de admirar e de adorar os juízos de Deus.

Caruatapirã, o algoz, com gestos e palavras mostrava grande contentamento e alegria perante os franceses por haver recebido tal honra, que apreciava muito mais do que as que sua Nação cheia de abusos dá aos que publicamente matam os prisioneiros, sendo essas consideradas as maiores existentes entre eles, e um favor não pequeno aos mancebos, quando escolhidos para tal fim, pois é uma espécie de acessos de grandeza para ser um dia Principal. Por tudo isto o grande Caruatapirã exaltava-se deste seu feito [...] por todas as aldeias por onde andava, o que tinha feito, asseverando ser irmão dos franceses, seu defensor e exterminador dos maus e dos rebeldes.